



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**GILSON DE SOUSA CRUZ**

**A TEMÁTICA INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DO 4º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

GILSON DE SOUSA CRUZ

**A TEMÁTICA INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DO 4º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Educação/ a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Margareth Maria de Melo

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C957t Cruz, Gilson de Sousa.  
A temática indígena no livro didático de História do 4º ano do ensino fundamental [manuscrito] / Gilson de Sousa Cruz. - 2023.  
28 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
\*Orientação : Profa. Dra. Margareth Maria de Melo ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. \*  
1. Ensino fundamental. 2. Livro didático. 3. Indígena. 4. História. 5. Cultura. I. Título  
21. ed. CDD 372.89

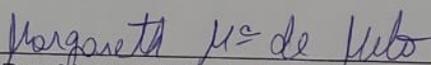
GILSON DE SOUSA CRUZ

**A TEMÁTICA INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

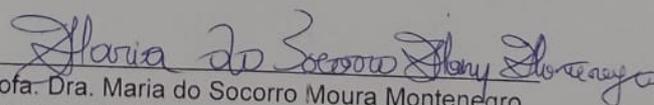
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Departamento de Educação/ Coordenação do Curso Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 15/03/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dra. Margareth Maria de Melo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, amigos, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro.....	14
Figura 2 - Chegada dos portugueses ao Brasil.....	15
Figura 3 - Primeira missa no Brasil.....	16
Figura 4 - Pau-brasil, localizada na cidade de São Paulo, em foto de 2017.....	17
Figura 5 - Indígenas trabalhando no corte do pau-brasil e carregando braçalmente até os navios.....	18
Figura 6 - Mapa identificando uma viagem do navegador francês Parmentier pelo Oceano Atlântico, onde são vistos indígenas trabalhando na extração do pau-brasil.....	18
Figura 7 - A luta entre os bandeirantes e os indígenas.....	20
Figura 8 - Demonstração artística indígena com pintura.....	21
Figura 9 - Pintura de dança do povo Tapuia.....	22

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A ORIGEM DA HISTÓRIA DO BRASIL.....	8
3 O TRABALHO ESCRAVO DO NATIVO.....	11
4 O INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO.....	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

## A TEMÁTICA INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gilson de Sousa Cruz<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a temática indígena no Livro Didático de História do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente identificar o que é tratado sobre a questão indígena e verificar como esse tema é desenvolvido no livro didático. A metodologia é uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que o livro didático é considerado um documento histórico. Foi usada a análise de conteúdo para atender os objetivos. Como resultado constatou-se que a origem dos povos indígenas é pobremente discutida no livro didático, e isto significa que a temática é insuficientemente estudada nas escolas. O livro invisibiliza a história desses povos, gerando uma visão errônea para a criança, que cresce com as ideias equivocadas sobre os povos originários e se prolongam na fase adulta. A pesquisa demonstra que o eurocentrismo continua se preconizando até os dias atuais, pois a leitura dos livros didáticos não proporciona o conhecimento adequado para as crianças identificarem suas raízes antepassadas, e entenderem sobre a influência indígena na formação da sociedade brasileira. Concluindo que expandir o currículo nas escolas e universidades acerca da temática indígena é uma exigência e ideia benigna para o processo de reconhecimento do valor da história e cultura dos povos originários no meio social, bem como, a superação de estereótipos e preconceitos e a tolerância com a comunidade indígena será encontrada.

**Palavras-chave:** Livros didáticos. Indígena. História. Cultura.

### ABSTRACT

The general objective of this work is to analyze the indigenous theme in the History Textbook for the 4th year of the initial years of Teaching Fundamental. Specifically identify what is addressed about the issue indigenous and verify how this theme is developed in the textbook. A methodology is a bibliographical and documentary research, since the book textbook is considered a historical document. The analysis of content to meet the objectives. As a result, it was found that the origin of indigenous peoples is poorly discussed in the textbook, and this means that the subject is insufficiently studied in schools. O book makes the history of these people invisible, generating an erroneous vision for the child, who grows up with mistaken ideas about people's origin and continues into adulthood. Research demonstrates that Eurocentrism continues to be advocated up to the present day, as the reading of textbooks does not provide adequate knowledge for the children to identify their ancestral roots, and understand about the Indigenous influence in the formation of Brazilian society. Concluding that expanding the curriculum in schools and universities on the subject indigenous is a demand and benign idea for the process of recognition of the value of the history and culture of indigenous peoples in social

<sup>1</sup>Gilson de Sousa Cruz ([gilson.cruz@aluno.uepb.edu.br](mailto:gilson.cruz@aluno.uepb.edu.br)). Graduando no curso de Licenciatura plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande. Desenvolvedor do artigo: O livro didático de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental e a questão da temática indígena.

environment, as well as overcoming stereotypes and prejudices and tolerance with the indigenous community will be found.

**Keywords: Textbooks. Indigenous. History. Culture.**

## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolve o tema: O livro didático de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental e a questão sobre os povos indígenas, com o objetivo geral de analisar a temática indígena no livro didático. Especificamente, busca-se identificar o que é tratado sobre a questão indígena e verificar como esse tema é desenvolvido no livro didático.

Ao longo da trajetória acadêmica no Curso de Pedagogia da UEPB, no Campus I, de Campina Grande-PB, surgiu a inquietação quanto às questões sobre as comunidades indígenas, que foram pouco estudadas na formação discente, o que resultou na impossibilidade de conhecer mais adequadamente a história dos nossos ancestrais, como também aprofundar na questão.

A problemática para esse estudo é a necessidade de conhecimento e aprofundamento, bem como a expectativa de desenvolver um trabalho melhor como docente em relação à temática. Como o futuro professor poderá tratar essa temática se isso não foi explorado e aprofundado na sua formação? Como superar os preconceitos e estereótipos com os povos indígenas, se isso não foi trabalhado no curso de formação inicial?

A justificativa se ampara, primeiramente, na constatação de que o curso de Pedagogia que vivencio na UEPB, apesar de já abrir espaço para a cultura indígena em seu currículo, disponibiliza apenas um componente curricular para a temática, ou seja, proporciona o contato com essa questão em um curto período. Além disso, verifica-se que ainda circulam na sociedade ideias equivocadas sobre os povos indígenas (Freire, 2002) que perpassam nosso meio social, de que os indígenas se extinguíram depois do Brasil colônia, que são povos atrasados tecnologicamente, por viverem em zonas distantes da habitação urbana, e terrivelmente estigmatizados como preguiçosos, pois trabalham de modo diferente da sociedade capitalista.

Com todos os estereótipos criados desde então, vemos que o indígena não consegue disseminar seus costumes, leis, hábitos e tradições, seus territórios são invadidos e suas populações ameaçadas das mais diversas formas.

Dessa maneira, vários questionamentos são levantados para instigar nossa reflexão. Será que o livro didático dá visibilidade à história desses povos<sup>2</sup>? O que é apresentado sobre a diversidade indígena no livro didático? O que é tratado sobre a resistência indígena no livro didático? Será que o livro didático trata do movimento indígena nos dias atuais? Como o governo brasileiro tratou a questão indígena ao longo da história do Brasil? Será que o livro didático ainda fala do “descobrimento do Brasil”?

---

<sup>2</sup> “O livro didático é um objeto cultural contraditório, que gera intensas polêmicas e críticas de muitos setores, mas tem sido sempre considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização” (BITENCOURT, 2004, p. 471).

A Lei 11.645 (BRASIL, 2008) que modifica a Lei 9.394/96, tornando obrigatório o estudo da história e cultura indígena, afro-brasileira e africana nos currículos da Educação Básica, se estende aos cursos de formação docente. Assim, busca reparar a invisibilidade destas populações que influenciaram a formação do povo brasileiro, reconhecer os movimentos de resistência e luta destes povos contra a escravização e dominação, além de valorizar políticas de ações afirmativas que visem corrigir as desigualdades raciais e sociais presentes na sociedade brasileira.

A seguir, discutiremos a origem dos primeiros povos que chegaram ao território brasileiro, seu encontro com os portugueses e como o livro didático (LD) aborda essa temática.

## 2 A ORIGEM DA HISTÓRIA DO BRASIL

O objetivo deste item é apresentar como iniciou a chegada dos primeiros habitantes à América do Sul, especificamente ao Brasil, buscando relatos de pesquisadores para esclarecer a história dos ancestrais que aqui viveram. A busca para nomear os primeiros povos que vieram antes dos indígenas se faz presente na pesquisa. Esses povos são chamados de Paleoíndios, e nossa primeira preocupação será refletir sobre a ocupação do território brasileiro, que já era habitado por muitas comunidades indígenas antes da chegada dos europeus.

O primeiro questionamento a se fazer é: de que forma se deu o surgimento dos primeiros habitantes no continente sul-americano? Os relatos sobre a introdução dos primeiros habitantes na América do Sul, especificamente o Brasil, apontam que tal fato ocorreu pelo estreito de Bering, que num período glacial poderia ter unido a Ásia e América do Norte. Outra corrente de estudiosos cogita a ideia de que formou-se uma outra rota, por meio de uma passarela gelada que teria juntado a África com a América do Sul, como relata Funari e Noelli (2009).

Dessa maneira, existem duas hipóteses sobre a chegada dos primeiros homens a este território. A arqueóloga brasileira Niède Guidon fez diversas pesquisas influentes no estado do Piauí para descobrir vestígios dos primeiros habitantes no país:

O sítio mais extraordinário e controverso, contudo, está no Brasil, em Pedra Furada, no Piauí. Desde a década de 1970, a arqueóloga brasileira Niède Guidon atua no interior do Piauí, chefiando uma equipe franco-brasileira. Estabeleceu a Fundação Museu do Homem Americano e realizou pesquisas que ganharam notoriedade internacional. Guidon datou dezenas de restos de fogueiras, algumas delas com 50 mil anos, muitas com 30 ou 40 mil anos (FUNARI; NOELLI, 2009, p. 39).

Por meio desses vestígios que foram encontrados no estado do Piauí, necessita-se refletir sobre a descoberta do território brasileiro e dar maior visibilidade à história desses ancestrais que há mais de 50 mil anos já viviam nestas terras e realizar novas pesquisas por outras áreas do país, para que se descubram novos sítios arqueológicos e se revele mais sobre história da ancestralidade dos povos originários.

Segundo Funari e Noelli (2009), a pesquisadora Guidon fala dos vestígios humanos em todos os continentes, da possibilidade do domínio de técnicas de navegação e da hipótese de grupos humanos chegarem a América navegando através das ilhas do pacífico. (FUNARI; NOELLI, 2009, p. 40).

Outra questão é como eram nomeados os primeiros povos que vieram antes dos indígenas, chamados de Paleoíndios, acreditando que o homem foi evoluindo com o passar dos anos e dominando certas técnicas de agricultura e pecuária, até chegar nos povos da atualidade, os indígenas.

Como poderiam se chamar os primeiros grupos que aqui viviam? O termo mais usado seria o Paleoíndio, porém, para Funari e Noelli (2009) é ambíguo e pouco claro, inadequado, dependendo do contexto, e alguns pesquisadores aderem a essa nomenclatura para se referir a algumas de suas hipóteses.

O termo "paleoíndio" é hoje em dia muito usado [...] para rotular as populações mongolóides datadas de 12 a 5 mil AP [...] seriam chamadas de paleoíndios as populações que teriam vivido da caça de grande porte, [...] nômades em um clima mais frio e seco do que o Holocênico, em grupos pouco numerosos, sem liderança (FUNARI; NOELLI, 2009, p. 44-45).

Ou seja, os Paleoíndios ainda não dominavam as técnicas de cultivo e plantação, já que eles sobreviviam do nomadismo, então eles procuravam áreas boas onde tivessem melhor proveito para seu sustento, porque eles viviam em circulação intensa no continente. Porém, existem pesquisadores que questionam esse modo de falar sobre o indígena, pois segundo estes não existe base científica para afirmar que os paleoíndios eram nômades, necessitando se investir mais nestas pesquisas para se conseguir mais achados que confirmem ou refutem essa questão.

Após muitos séculos, segundo Ribeiro (2006), por meio dos povos indígenas do tronco Tupi, que foram aperfeiçoando as técnicas de agricultura através da observação e manuseio das plantas, e após todo esse conhecimento, passaram a viver de forma sedentária e deixaram o nomadismo.

Ribeiro (2006) relata que os povos Tupi davam os primeiros passos da inovação agrícola, produzindo culturas de diversas plantas, para a vivência dos seus roçados. Uma delas, a mandioca, constituiu uma conquista extraordinária, pois se tratava de uma herbácea venenosa, a qual os indígenas deviam não apenas cultivar, como também tratar corretamente para extrair-lhe o ácido cianídrico, tornando-se apropriado para o consumo alimentício (RIBEIRO, 2006).

Assim, como foi dito, os povos Tupi operaram um grande avanço nas formas de trabalho com roçados, pois conseguiram tratar a mandioca, que era uma planta venenosa, além de cultivarem muitos outros legumes, frutas, raízes, verduras e vegetais variados.

Os grupos indígenas encontrados no litoral eram principalmente tribos de tronco tupi [...] somavam, talvez, 1 milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes (FERNANDES 1949 apud RIBEIRO, 2006).

Eram muitos indígenas que se encontravam em terras brasileiras, sendo os povos Tupi os que dominavam a costa litorânea. Com o passar dos anos, foram se formando novos grupos com diferentes costumes e dialetos, revelando a diversidade entre eles, o que nos faz analisar que os indígenas não eram todos iguais como o LD apresentou durante muito tempo.

Segundo Freire (2002), muitos entendimentos errados foram criados, ao longo dos anos, para se falar dos indígenas e que, ainda hoje, é disseminado.

Uma das ideias que se repercute é que os indígenas que aqui viviam seriam iguais em todos os aspectos da língua, costumes e tradições, isso se permite questionar sobre a hipótese de um indígena genérico, nesse caso equivocado é apagado as diferenças. Ou seja, os povos Jê não eram os mesmos povos guaianá (FREIRE, 2002, p. 4).

Muitas dessas ideias sobre os povos indígenas foram criadas para invisibilizar as tradições indígenas depois do encontro entre nativos e europeus. O objetivo dos governos brasileiros era “civilizar” o indígena, tirá-lo do seu lugar de origem para assimilar a cultura do branco e se inserir na sociedade.

De acordo com Darcy Ribeiro (2006), O Brasil (como também a América) não foi descoberto pelos Europeus, ou talvez, tenha sido descoberto apenas no olhar deles, porque já existiam muitos povos indígenas aqui nestas terras.

Foram muitas as violências causadas contra os indígenas, além das doenças que os portugueses trouxeram dos seus países para o continente sul-americano e que se alastraram entre os nativos. Esse fato foi grave, pois os indígenas tiveram que sobreviver às novas bactérias, vírus etc., que não estavam preparados para curar.

Segundo Ribeiro (2006), o que sucedeu e mudou drasticamente a vida dos indígenas, foi a entrada no seu mundo de um protagonista novo, o europeu. Principalmente, como uma infecção mortal sobre uma comunidade preexistente, enfraquecendo-a até a morte. Esse conflito se dá em todos os âmbitos, predominante no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram doenças para as populações puras e sãs (RIBEIRO, 2006, p. 26-27).

De acordo com Ribeiro (2006), a costa atlântica, ao longo dos milênios, foi explorada e ocupada por centenas de povos indígenas. Competindo pelos melhores nichos ecológicos, eles se alojaram, desalojaram e realojaram, obstinadamente.

Nos últimos séculos, porém, índio de fala tupi, bons guerreiros, se instalaram, dominadores, na imensidade da área, tanto a beira-mar, ao longo de toda a costa atlântica, como pelo Amazonas acima, como subindo pelos rios principais, como o Paraguai, o Guaporé, o Tapajós, até suas nascentes (RIBEIRO, 2006, p. 26).

O que aconteceu foi a construção de uma ideia de valorização étnica por parte dos europeus, por terem dominado uma área que antes eles próprios não conheciam. O termo descoberta pode ser usado como questionamento, pois não se descobre o que já tinha sido descoberto, e o porquê de os europeus quererem passar essa ideia de achamento por todo o mundo.

De acordo com Prezias (2017, p. 18), "Vindos pelo mar, em navios maiores que uma casa, homens diferentes, claros, com barba e cobertos em muitas camadas de roupas".

Assim, a origem do Brasil não se limitou à chegada dos portugueses, precisa ser dada mais visibilidade à chegada dos indígenas, seus diversos povos, costumes e tradições. Eles se reconheciam como povos específicos, não tinham conhecimento de quantos existiram, ou quantos eram naquele período histórico. Diversas pesquisas, como vimos anteriormente, já foram feitas e muito mais precisa ser investido para se descobrir e contar essa história.

Os indígenas não estavam preparados para se curar dessas doenças, apesar dos seus conhecimentos em ervas medicinais. Foram tantas as bactérias e os vírus que os europeus trouxeram, causando a dizimação de muitas comunidades indígenas. Além dessa calamidade, os europeus souberam roubar a cultura, forçando-os a perceber que a civilização europeia precisaria ser implantada no Brasil, impondo a visão eurocêntrica na mente dos povos indígenas.

Marilena Chauí (2013) relata que

a América não estava aqui à espera de Colombo, assim como o Brasil não estava aqui à espera de Cabral. Não são “descobertas”, como se dizia no século XVI, como se perdurou por muito tempo essa falsa ideia de “achamentos”, são invenções históricas e construções culturais. A palavra “Brasil” foi um nome dado a uma criação dos conquistadores europeus (CHAUÍ, 2013, p. 55).

O que aconteceu foi a construção de uma ideia de valorização étnica por parte dos europeus por terem dominado uma área que antes eles próprios não conheciam.

### **3 O TRABALHO ESCRAVO DO NATIVO**

Inicialmente, quando se pensa em escravização no Brasil, logo lembramos dos negros africanos que vieram ao Brasil, mas os indígenas também passaram por trabalhos forçados sob mando da Coroa Portuguesa, com a justificativa de se abrir novos mercados para o capitalismo europeu.

Os portugueses tiveram empecilhos ao tentar explorar as terras brasileiras, pois tiveram que disputar áreas com os espanhóis, franceses e holandeses, então foi necessário criar um tratado de terras para dividir o limite de área para cada responsável, chamado de Tratado de Tordesilhas. Até então, o grande lucro encontrado no Brasil era de uma árvore, pois a madeira do pau-brasil servia para muitas utilidades. E quem realizava todo o trabalho forçado de carregar grandes toras das árvores até navios eram os indígenas.

Com o passar dos anos, novas fontes de geração de riqueza foram estabelecidas no Brasil, como o açúcar. Então, grandes fazendas, denominadas de engenhos, foram estabelecidas, e novamente o trabalho escravizado dos indígenas foi explorado. Ainda se sabe pouco dos maus-tratos sofridos pelos indígenas nos engenhos e da sua resistência ao escravismo, mas em todos os estados do Brasil encontram-se as evidências da resistência das comunidades indígenas contra os senhores de engenho. Além disso, a opressão dos europeus por muitos foi justificada numa teoria fundamentalista religiosa.

Segundo Chauí (2013, p.61), "desde o início da colonização, o escravismo se impôs como exigência econômica". O objetivo para lucrar no país desconhecido pelos portugueses seria governar para explorar? De acordo com Preziosi (2017), antes da escravização, os europeus foram muito bem acolhidos nas terras brasileiras e indicavam os indígenas como pessoas simples, relataram como era o cotidiano desses povos que talvez seriam os Arachãs:

Levam uma vida alegre, sem grande trabalho, vivendo da caça e da pesca e do que a terra lhes dá, (...) como alguns legumes e raízes que plantam. Não haveria correria e nem agitação... Mostravam-se pessoas "mais decentes" do que outros nativos daquelas regiões, pois cobriam com pequenos mantos feitos de fibras trançadas (PREZIA, 2017, p. 20-21).

Muitas cartas foram escritas para descrever os indígenas que aqui viviam e como era o ambiente no qual eles se encontravam, além da recepção feita pelos nativos. Por meio das cartas enviadas, alimentou-se o interesse da Coroa Portuguesa e de outros países pelas terras indígenas, surgindo a necessidade de criar uma divisão de território no Brasil.

Prezia (2017) relata que "foi o Tratado de Tordesilhas, arbitrado pelo papa, que deu todo esse poder aos portugueses, que ficaram com a costa Leste do continente, incluindo o Brasil" (PREZIA, 2017, p. 24).

Os indígenas não imaginavam que seriam escravizados, pois eles receberam muito bem os europeus em suas terras e acreditavam que eles seriam seres dóceis, quase celestiais enviados por seus deuses. Mas a partir do momento que eles entenderam que estavam sendo enganados pelos europeus, aconteceu uma onda de revoltas que durou longos anos, resultando em diversas mortes.

Muitas vilas e cidades começaram a surgir no século XVI, por meio da geração de trabalho nos grandes engenhos de açúcar. Prezia (2017) nos conta diversas situações de violência que os povos indígenas sofreram e resistiram por muitos anos. Só em 1720 a região foi considerada pacificada, na verdade, representou quase um extermínio de muitos povos indígenas dessa capitania (PREZIA, 2017, p. 76-77).

A autora Marilena Chauí (2013) diz que

a teoria do direito natural objetivo parte da ideia de Deus como legislador supremo e afirma haver uma ordem jurídica natural criada por Ele [...], em que o superior naturalmente comanda e subordina o inferior, o qual também naturalmente lhe deve obediência (CHAUI, 2013, p. 62).

Todavia, a hierarquia implantada no Brasil colônia trouxe consequências para nossa sociedade, tanto na forma de idealizar o europeu como algo perfeito, como também, invisibilizar a história dos nossos ancestrais e o preconceito étnico-racial ainda ser praticado. No capítulo seguinte, esta pesquisa tratará de analisar o livro didático de História do 4º ano do Ensino Fundamental, para verificar o que é estudado da história dos povos indígenas.

#### **4 O INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO**

O livro didático, por ser um recurso essencial no desenvolvimento da aula, deve ser utilizado tanto pelo aluno como também pelo professor, para dar prosseguimento ao ensino e à aprendizagem. Mas, antes de chegar nas escolas, ele deve passar por avaliações de órgãos competentes para aprovar sua edição e distribuição. É importante frisar que o professor é o responsável pela escolha do livro que será trabalhado durante os anos letivos, de acordo com o Decreto-Lei nº 8.460, em seu art. 5º (BRASIL, 1945).

Um dos órgãos que realizam a avaliação do Livro Didático (LD) é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que é responsável por analisar os conteúdos, as atividades e o material complementar, de cada coleção de LD colocada à disposição das escolas de Educação Básica, para que a legislação em vigor seja atendida.

Para escolha dos livros didáticos aprovados na avaliação pedagógica, é importante o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). É tarefa de professores e equipe pedagógica analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados no triênio. O livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. Os professores podem selecionar os livros a serem utilizados em sala de aula somente pela internet, no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (Brasil, PNLD, 2011, n/p).

O LD escolhido para análise é chamado de LIGAMUNDO, destinado a alunos do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do componente curricular História. O livro é publicado pela Editora Saraiva, da cidade de São Paulo. Seus autores são Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira. O primeiro autor possui bacharelado (1998) e Licenciatura em História (2001), assim como mestrado (2000) e doutorado (2006) em História Econômica, pela Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência nas áreas de história intelectual, filosofia da educação e filosofia política. É também coautor de diversas obras didáticas para o ensino de história aprovadas e adotadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A segunda autora possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1998), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (2003) e especialização em Metodologias Ativas em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2020). Atualmente, é autora das editoras Moderna e Saraiva, na área de História. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil (FAPESP, 2022; LATTES, 2023).

Figura 1 - Capa do livro



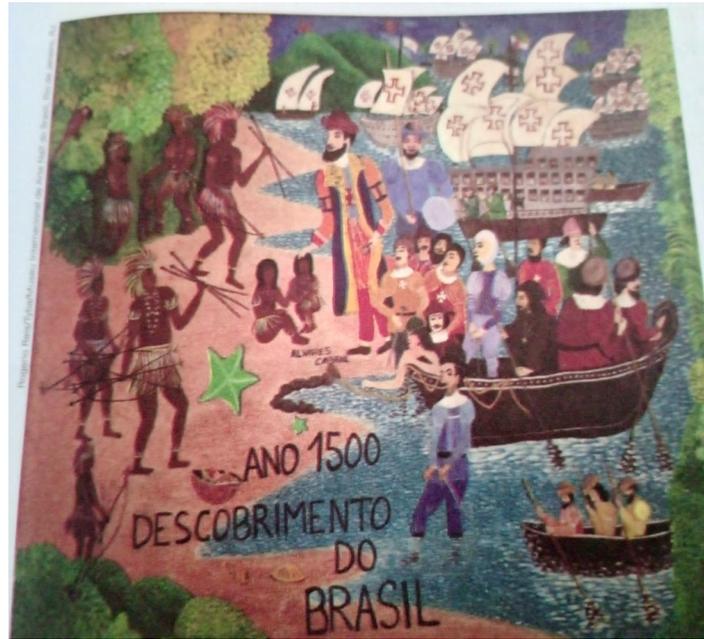
Fonte: Alves e Oliveira (2017)

É importante iniciar a observação a partir de certos pontos do material que estão na capa, como, por exemplo, a duração de uso (2019-2022). O livro apresenta a imagem de uma criança negra e diz que é uma obra atualizada conforme a nova BNCC. Na parte inversa da capa possui um breve comentário para o estudante, informando que o livro está integrado ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e que passou por uma criteriosa avaliação do Ministério da Educação (MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Assim como na frente, no verso também diz que está adaptado às normas da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A parte introdutória do livro contém elementos para o estudante se localizar em relação ao conteúdo do material, além de um sumário que informa a quantidade de 9 capítulos. O total de páginas é de 136. Ele apresenta referências pictográficas, com diversas imagens ao longo do material didático. A cada capítulo, vê-se uma imagem colorida e largamente espaçosa, cabendo em duas páginas inteiras. Os conteúdos apresentados são providos de letras de tamanho médio e grande, tornando a leitura mais atrativa.

A primeira unidade é intitulada: *Europa, África e América: conquistas e descobertas*. Abaixo do título temos a imagem de um navio ao redor do Oceano Atlântico, a tripulação amedrontada com a truculência do mar, mais o desenho fantasioso de um monstro atacando-os. Na página inicial do conteúdo (p. 10), é falado sobre os povos europeus (portugueses e espanhóis), que estiveram à frente da ampliação marítima.

Figura 2 - Chegada dos portugueses ao Brasil



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 19)

De acordo com Alves e Oliveira (2017), é destacado a chegada de Colombo em terras americanas. Logo depois, a chegada dos portugueses no Brasil, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, que “tomou posse do novo território em nome do rei, batizando-o de Ilha de Vera Cruz. Os indígenas que aqui já viviam chamavam a terra de Pindorama (em tupi, ‘terra das palmeiras’)” (ALVES; OLIVEIRA, 2017, p. 19). A chegada dos europeus em grandes navegações na costa atlântica, atualmente na região Nordeste do Brasil, por volta de 1500, representou o encontro dos nativos com os portugueses. Os indígenas pensavam que estes eram divindades e lhes chamavam de *Karaíba*, por achar que se tratavam de seres superiores.

Pedro Álvares Cabral e sua frota que estavam em busca das cobiçadas mercadorias do Oriente. A serviço de dom Manuel, rei de Portugal, eles tinham ordens de tomar posse das terras que encontrassem durante a viagem. [...] porém afastou-se da costa africana, seguindo trajeto incorreto e navegando para o Ocidente (ALVES; OLIVEIRA, 2017, p. 19).

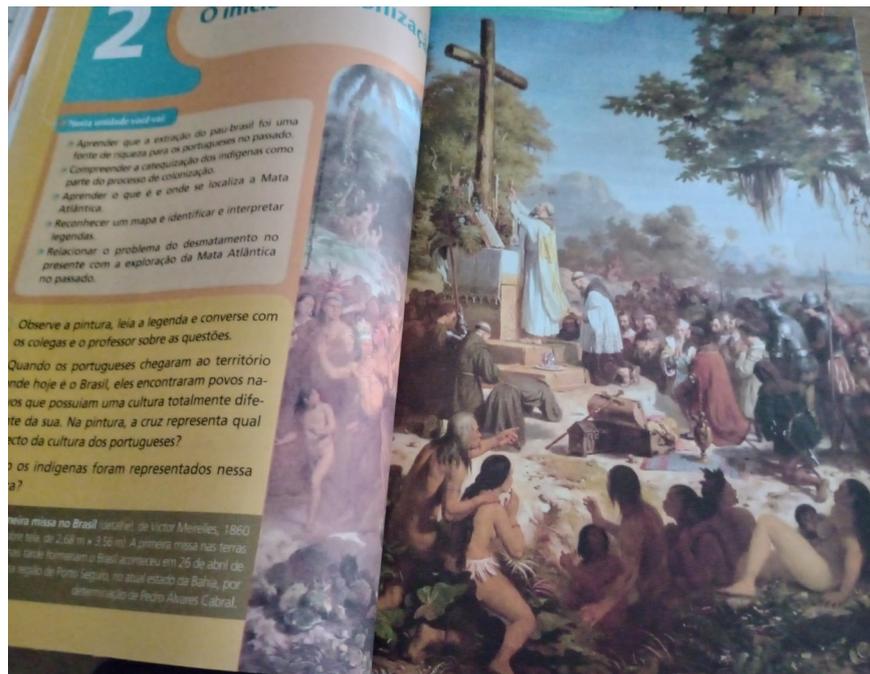
O texto destaca a ação do colonizador e que esta terra tinha nome e morador. E o docente precisa problematizar esta questão, pois se evidencia um conflito, alguém que chega e toma posse de algo que não lhe pertence. Como foi apresentado anteriormente, não se considerou os povos que aqui viviam, os povos originários. E desconstruir essa ideia de achamentos, implica na reflexão crítica sobre o que era Pindorama, como viviam esses povos que aqui estavam e como vivem hoje.

Os europeus introduziram-se amistosamente, dando-lhes o nome de "índios", pois pensavam que estavam na Índia. Nas cartas de Pero Vaz de Caminha, ele relata que a terra era muito boa e cheia de riquezas. A tripulação ficou espantada com o modo de se vestir e falar dos indígenas, mas a intenção era encontrar

riquezas nas terras que eles desconheciam e precisavam usar o "índio" como guia para conhecer e desbravar o local.

A segunda unidade tem como título: *O início da colonização*. Com uma imagem enorme, representando os jesuítas, os colonizadores e os nativos frente a cruz do catolicismo, num local aberto, rodeado pela vegetação. A cena aparenta ser uma espécie de missa, conduzida por um dos clérigos da foto, os indígenas estão com a face de impressionados, pois não entendem que tipo de ritual era aquele que estava acontecendo na frente deles.

Figura 3 - Primeira missa no Brasil



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 24, 25)

Prezia (2017) descreve o encontro entre indígenas e os europeus,

Surpreenderam os Tupinikim que estavam na praia. Imaginavam ser entidades, enviadas por Monhã, o grande Pai ou por Tupã, o senhor da chuva e dos trovões. Por isso foram bem acolhidos, recebendo um nome divino: Karaíba (PREZIA, 2017, p. 17).

Os indígenas, principalmente os que eram do grupo Tupinikim, tinham como divindades, Monhã ou Tupã, e com a chegada dos europeus trataram eles como seres celestiais, e nomearam em sua linguagem como Karaíba.

Logo em seguida, na mesma unidade, trata-se de uma das maiores riquezas da América do Sul, o pau-brasil, que era largamente encontrado no país. Era uma árvore chamada pelos indígenas do tronco Tupi de "Ibirapitanga" e sua madeira servia para várias utilidades, como arcos e flechas para caçar, e o corante, para tingir penas e outros objetos.

O livro didático relata a importância do pau-brasil para os colonizadores, "No século XVI, a extração do pau-brasil mostrou-se tão lucrativa que atraiu o interesse de outros europeus, que ocuparam o território americano em busca dessa madeira" (ALVES; OLIVEIRA, 2017, p. 27). Ela deu lucro e riqueza aos europeus e um

trabalho forçado aos indígenas que aqui viviam. Infelizmente, sua exploração foi intensa e cada vez mais o pau-brasil foi se extinguindo ao longo do território do Brasil.

Figura 4 - Pau-brasil, localizada na cidade de São Paulo, em foto de 2017



Fonte: (ALVES; OLIVEIRA, p. 27).

Depois é retratado como esta árvore foi explorada intensamente pelos portugueses e a redução de um dos maiores biomas brasileiros, a Mata Atlântica, pois os indígenas trabalhavam forçadamente, cortando a madeira e transportando grandes toras para os navios, em troca de utensílios simples (na visão dos portugueses), no qual esse sistema se deu o nome de escambo. A seguir mais uma Figura que se encontra na mesma unidade.

Figura 5 - Indígenas trabalhando no corte do pau-brasil e carregando braçalmente até os navios

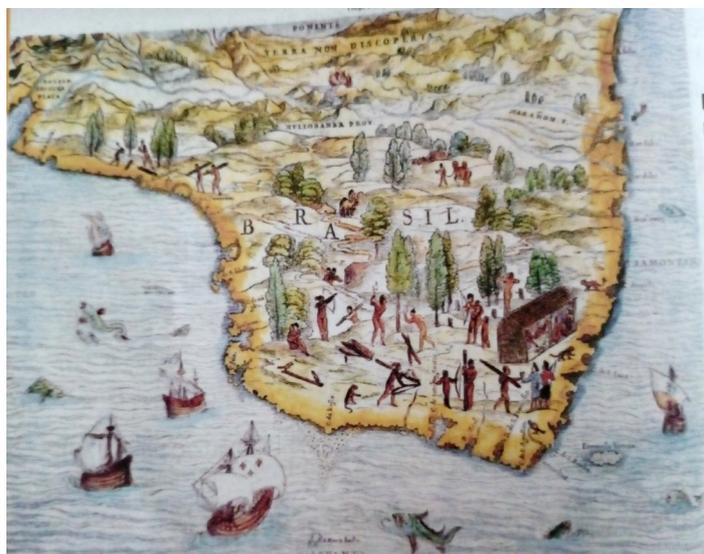


Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 26)

Na Figura, é visto algo bastante contrário do que os indígenas faziam com a árvore antes da chegada dos europeus, pois eles tinham uma maneira distinta de tratar a vegetação e pensavam numa agricultura diferente dos colonizadores.

Ainda na mesma unidade, é possível perceber a palavra "parceria", que acaba por suscitar a questão: existiu mesmo a parceria entre portugueses e indígenas? Os indígenas tiveram que trabalhar para os portugueses em troca de objetos julgados como simples, a troca de trabalho por objetos era chamada de escambo, o qual não valia todo o esforço realizado pelos indígenas. Então, a palavra "parceria" talvez romantize o escravismo que aconteceu com os nativos.

Figura 6 - Mapa identificando uma viagem do navegador francês Parmentier pelo Oceano Atlântico, onde são vistos indígenas trabalhando na extração do pau-brasil



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 30)

Além do mais, é descrito que os franceses disputaram áreas junto com os portugueses, principalmente na região do estado do Rio de Janeiro, quando viram que o pau-brasil era uma grande riqueza para a Europa, então o capitão donatário de Portugal recebeu uma missão de expulsar os franceses e espanhóis do litoral e levar seus produtos. Para resolver o problema, foi criado um Tratado de Terras, chamado Tordesilhas, para dar poder aos portugueses, defendendo os locais que estavam dominando e expandindo as regiões, para encontrar a rota das minas de ouro e prata no Peru. Dessa forma, iniciou-se a criação de vilas e cidades, e cada vez mais eles oprimiam os indígenas nos trabalhos braçais. Outro ponto descrito é a catequização dos indígenas que foi feita para domesticá-los, como também para aprisioná-los e escravizar, sob o pretexto de ensinar o catolicismo aos nativos, pois os jesuítas não defendiam as rebeliões e brutalidades. Mas, e o catolicismo ainda impera nas comunidades indígenas atualmente?

Ao final do capítulo, trata-se da maior biodiversidade que se encontrava no Brasil e que hoje ocupa um espaço mínimo, devido ao desmatamento que foi causado pela exploração do pau-brasil e da procura por metais preciosos, e também pela agricultura e pecuária desenfreada que ocorreu na época da colonização. Na Mata Atlântica são encontradas muitas comunidades tradicionais, pescadores artesanais, caçaras, ribeirinhos, indígenas etc. Essas comunidades dão muito valor à floresta, sabendo como preservar e retirar o sustento através dela e sem prejudicar a natureza, praticando o replantio das árvores. É descrito, também, que hoje as indústrias, empresas de turismo e urbanização têm provocado uma devastação grandiosíssima dessa floresta, sem reconhecer os limites desse ecossistema. Medidas de conservação precisam ser tomadas para preservar a Mata Atlântica.

A terceira unidade do livro tem o título: *O trabalho no campo*. Verifica-se que os indígenas não são citados no conteúdo deste capítulo, mas seria de extrema importância citá-los, pois de acordo com Darcy Ribeiro (2006):

Os povos Tupi davam os primeiros passos da revolução agrícola [...] haviam domesticado diversas plantas, retirando-as da condição selvagem para a de mantimento de seus roçados. Entre elas, a mandioca, [...] cultivavam milho, batata-doce, cará, feijão, o amendoim, o tabaco, a abóbora, o urucu, o algodão, o carauá, cuias e cabaças, as pimentas, o abacaxi, o mamão, a erva-mate, o guaraná, entre muitas outras plantas.

A discussão sobre a descoberta da agricultura poderia envolver os povos indígenas que desenvolveram técnicas, como diversos outros povos há milhares de anos. Nessa unidade, é relatado que antigamente os seres humanos viviam em pequenos grupos e trabalhavam na caça, na pesca, e na colheita de frutas e plantas da natureza, mas não se especifica quem eram esses povos da antiguidade. Muitos pesquisadores descrevem que os indígenas no Brasil já viviam isso por volta de 10 mil anos atrás, e que depois aperfeiçoaram as técnicas de cultivo e plantação. E o nomadismo era uma das práticas de moradia dessas populações, pois eles se deslocavam para onde havia um bom clima para viver e se alimentar. Novamente, citam-se exemplos de povos distantes e não dos indígenas. Por que não aparece o exemplo dos povos indígenas?

A unidade 5 cita o tema das *Entradas e bandeiras*, descrevendo as missões dos homens que partiam da cidade de São Paulo para explorar o sertão, procurar metais preciosos, capturar indígenas fugitivos e escravizá-los, travando muitas batalhas, levando à morte de milhares de nativos. As expedições denominavam-se

bandeiras, e os envolvidos eram conhecidos como bandeirantes. São descritos os caminhos desconhecidos pelos bandeirantes como: entradas, que eram as passagens por onde os indígenas fugiam em forma de resistência, e que serviu para adentrar o sertão. É contado sobre os planos dos Bandeirantes de capturar os indígenas em missões jesuíticas, pois era mais fácil prender os que já estavam catequizados e reunidos em um mesmo local.

Figura 7 - A luta entre os bandeirantes e os indígenas



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 67)

Até o século XVII a escravidão indígena era vantajosa para os senhores de engenho, principalmente para os paulistas que formaram homens, chamados de bandeirantes, para capturá-los e fazê-los empregados em várias funções, fazendo deles um mercado de estoque e venda de mão-de-obra barata. Os indígenas eram vendidos em meio à praça pública como se fossem objetos e, além de escravizados, ainda tiveram que contribuir na captura de negros quilombolas. Para os bandeirantes, eles eram utilizados para várias funções: cozinhar, caçar, pescar, abrir roças e carregar cargas em longos trajetos pelo sertão.

De acordo com Prezina (2017), os indígenas foram para as bandeiras, "Iludidos, mais de 3 mil indígenas deixaram duas aldeias, acompanhando esses aventureiros numa extraordinária expedição com mais de 300 canoas" (PREZINA, 2017, p. 98-99)

Os indígenas partiram com os bandeirantes em longos trajetos adentro das terras brasileiras, em longas aventuras que duravam muitos meses ou anos, em várias formas de transportes, seja em cavalos, mulas e canoas.

Na página 76, da 5ª unidade, fala-se sobre a arte no Brasil, que é marcada por traços indígenas, e que é uma das formas importantes de expressão humana, que veio muito antes da chegada dos portugueses. Como exemplo de artistas, é citado o povo marajoara, que dominava a produção de cerâmica, para confecção de peças que serviam de decoração pública ou doméstica, compostas por desenhos muito bem elaborados.

Outros autores como Funari e Noelli descrevem que,

Animais e vegetais foram processados em vasilhas cerâmicas por populações pescadoras e coletoras do baixo rio Amazonas, nas áreas de Taperinha e Monte Alegre (Pedra Pintada) desde há pelo menos 7600 anos, conforme as recentes pesquisas de Anna Roosevelt [...] O desenvolvimento histórico da agricultura e a descoberta de novas plantas acabaram encontrando na produção de artefatos cerâmicos um meio adequado para diversificar os métodos de processamento e transformação dos vegetais em alimentos adequados ao consumo humano (FUNARI; NOELLI, 2009, p. 80).

É relatado sobre a cerâmica como modo artístico, que serviria para nossas atividades domésticas, havendo vestígios impressionantes datados de muitos séculos atrás, elaborados pelos nossos ancestrais.

Figura 8 - Demonstração artística indígena com pintura

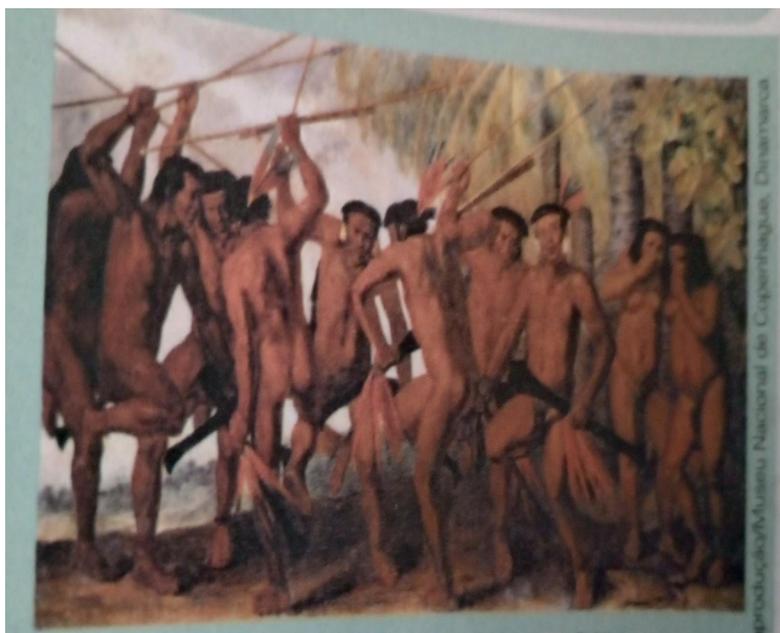


Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 76)

Desde a pré-história a arte se faz presente entre os seres humanos, por meio das pinturas rupestres, e depois com a dominação da escrita e da matemática, veio também o ato de pintura corporal, como forma de expressar sentimentos, ideias, vontades e melhorar a autoestima das pessoas, além de outros benefícios para pele que foram influenciados e adquiridos pelos povos indígenas.

Através da Figura, vemos a pintura corporal, onde se destaca a questão da simetria, os detalhes são muito sofisticados, com o uso de tintas de plantas que são apropriadas para pele humana e que hoje é referencial para outros tipos de pintura facial ou maquiagem.

Figura 9 - Pintura de dança do povo Tapuia



Fonte: Alves e Oliveira (2017, p. 76)

Representando a dança entre os indígenas Tapuias na visão do holandês, que via a dança deles como algo exótico. A dança está presente em todos os momentos dos indígenas, para cada atividade do dia é feito um ritual de dança.

É relatado o modo como o europeu se sentia ao ver o ritual de corpos dançando em certos períodos do dia. A dança se fez presente em diversas ocasiões dos indígenas, não só os Tapuias, e esse ritual pode ser tratado como algo religioso, como a dança da chuva, ou ginástica e rituais festivos e que influenciaram a nossa cultura dos dias atuais.

A última unidade do livro didático tem como título: *Brasil: um povo de muitos povos*. Nessa unidade é descrita a mistura de diferentes tradições culturais que gerou a cultura brasileira, que por vezes é citada a comunidade de imigrantes que vieram para o Brasil, como por exemplo, os sírio-libaneses e os judeus.

O livro diz que muitos imigrantes conseguiram fazer fortuna no Brasil, começando do zero, e alguns puderam praticar suas religiões, mas levo essa afirmação o questionamento: por que para os indígenas isso não aconteceu de forma pacífica, fácil ou aceitável? Por que ainda se busca a conquista da cidadania dessa comunidade?

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelas comunidades e organizações indígenas é lidar com o modelo burocrático de organização social, política e econômica dos brancos o qual são obrigados a adotar nas suas comunidades para garantir seus direitos de cidadania, como o acesso a recursos financeiros e tecnológicos. O modelo de organização social, no formato de associação institucionalizada, não respeita o modo de ser e de fazer dos povos indígenas. Os processos administrativos, financeiros e burocráticos, além de serem inteligíveis a racionalidade indígena, confrontam e ferem os valores culturais dos povos, como solidariedade, generosidade e democracia (RAMOS, 2012, p. 2019).

São tantos povos e culturas presentes no mundo e no conteúdo do livro, mas será que é dada a ênfase necessária aos povos indígenas? Pois eles foram os originários do Brasil. Como dar maior ou igual visibilidade à história dos povos indígenas começando a falar da Europa? Será que a história dos povos indígenas um dia vai aparecer nos LDs? São tantas tradições e costumes que poderiam ser exploradas nas aulas e talvez ser desenvolvidas metodologias ativas nas escolas, acerca da temática indígena, tais como estudo do meio.

O objetivo do governo brasileiro desde o início foi fazer o indígena sair do seu lugar na floresta e vir para a vila, ou a cidade, ser civilizado, ser aculturado, deixar de ser indígena, como se isso fosse evolução e progresso. Não se considerou a forma de vida e organização dos povos indígenas, sua relação com a natureza e entre si. Será que essa visão foi superada?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo geral desse trabalho, que foi o de analisar a temática indígena no Livro Didático de História do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que o eurocentrismo ainda é muito presente na nossa história. Tal abordagem fica evidente com o exemplo da primeira unidade, que na sequência de nomes dos continentes, no título, privilegia a Europa, por ser posto em primeiro lugar: *Europa, África e América: conquistas e descobertas*. Parece que a nossa história começa com a chegada do europeu, os povos originários não são considerados como sujeitos históricos, que primeiro chegaram a essas terras. Como conseguiram chegar à América? De onde vieram? Como viviam? Quantos eram os diversos povos? Que tipo de organização tinham os povos indígenas?

Quando trata da colonização, parece que se quer apresentar apenas as relações passivas entre portugueses e indígenas, com destaque para uma parceria que não ocorreu. Não se destaca a resistência indígena, suas lutas e conquistas que perduram até o presente. Por que não é mostrado como os povos indígenas foram escravizados, catequizados e em alguns momentos exterminados? Qual a relação que o governo brasileiro estabeleceu com os povos indígenas desde a colonização?

Na terceira unidade não são citados os povos indígenas que desenvolveram técnicas de agricultura para sobrevivência, como também a prática de nomadismo realizada por eles. Por que trazer exemplos muito distantes e de difícil compreensão no LD sobre questões muito utilizadas pelas populações indígenas?

Parece que existe certo limite de imagens sobre os indígenas ao longo dos conteúdos. O indígena aparece nos primeiros anos da colonização e depois não tem mais visibilidade na história do país. Para muitos estudantes é estranho falar dos indígenas hoje, pois como eles chegaram até aqui? O que ocorreu com esses povos ao longo da história do Brasil? E ainda existem indígenas? O que significa ser indígena hoje?

O livro didático estudado não deixa exposto que as terras brasileiras já tinham donos antes da chegada dos europeus, especificamente os portugueses, e que eram de vários grupos indígenas de origem Tupi. Não é tratado o fato de que não houve descoberta, ou "achamento" do Brasil, e sim uma invasão e conquista territorial e marítima, que ocorreu de modo cruel, com guerras, escravização, disseminação de doenças, atentados contra os nativos dessa terra, o que conseqüentemente causou uma aculturação e o genocídio de diversos povos indígenas.

Seria necessário mostrar, através do livro didático, que os portugueses exploraram o trabalho realizado pelos indígenas de forma desumana, que eles tinham um modo de trabalho contrário ao dos europeus, pois a ideia de capital dos portugueses visava apenas a produção e o lucro de modo excessivo, de modo prejudicial ao meio ambiente. Contudo, os nossos ancestrais não eram povos sem trabalho, ou preguiçosos, mas trabalhavam pensando na sobrevivência e benefícios da natureza, de forma digna, e resistindo à opressão imposta pelos europeus.

Esse livro destacou ainda a perseguição dos bandeirantes e a arte indígena no país. Como os povos indígenas sobreviveram a tantos anos de lutas e dificuldades? Tratar a questão indígena no LD e na sala de aula é uma exigência e necessidade na formação de sujeitos sensíveis à causa e comprometidos com a melhoria da vida dos povos originários.

## REFERÊNCIAS

**Alexandre Alves.** FAPESP:

<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/12479/alexandre-alves>

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. **História**. São Paulo: Saraiva, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu, 2013.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: [https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei\\_11645\\_100308.pdf](https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_11645_100308.pdf) Acesso em: 15 de maio de 2022.

BRASIL, Lei 8.460, de 26 de Dezembro de 1945. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8460-26-dezembro> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

BRASIL. PNLD, 2011, n/p.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Rio de Janeiro: SCIELO, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

**Letícia Fagundes de Oliveira.** LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8956331262396355>  
PREZIA, Benedito. **História da resistência indígena: 500 anos de luta**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

RAMOS, Alcida Rita. **Constituições Nacionais e Povos Indígenas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.